

POESIA

Império das coisas ínfimas

Em ‘Três ensaios de fala’, a artista plástica Leila Danziger articula rescaldos da infância e rastros do exílio judaico em poemas de rara sutileza em suas relações com a cultura, a política e a História

MARIANA IANELLI

Entre inúmeros títulos de poesia lançados em 2012, que não passe despercebido “Três ensaios de fala”, estreia da carioca Leila Danziger. Com a força de uma obra maior, o livro revela a densidade de poemas que se foram cristalizando em palavra há mais de 20 anos. Não se trata, portanto, de uma estreia convencional, mas da transfiguração da matéria com que Leila trabalha no campo das artes visuais desde 1987. Indispensável mencionar que também no ano passado três mostras individuais da artista aconteceram no Rio de Janeiro: “Edifício Líbano”, “Todos os nomes da melancolia” e “Felicidade-em-abismo”.

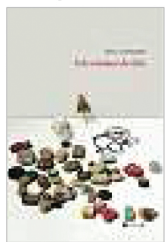
Essa transferência de matéria, ou transfiguração de “destroços celestes” em imagem, de imagens em palavra, remonta a uma espécie de solidariedade primordial entre memória e esquecimento, opacidade e transparência, melancolia e felicidade. Para a poeta, interessam os “pequenos impérios” que se elaboram silenciosamente nas “difíceis negociações/ entre o dentro e o fora”.

Três ensaios de fala

Leila Danziger

Poesia

Editora 7Letras,
70 páginas.



R\$ 29,00

Desses intercâmbios resultam vestígios, coisas opacas, fragmentos reinscritos pela arte num tempo de lentidão e delicadeza que o tempo dos imediatismos ignora. “Vanitas”, “Mínima Moralia”, “Edifício Líbano” são alguns títulos de obras visuais que nomeiam os poemas de “Três ensaios de fala”, cuja capa traz também uma fotografia realizada pela artista, da exposição “Todos os nomes da melancolia”. A escritura de Leila, em palavra e imagem, vem desta outra ordem das coisas, que extrai do rescaldo

da infância, dos rastros do exílio de um povo, uma poesia de rara sutileza em suas relações com a cultura, a política e a História. Contemplando tais relações, e rebrilhando no livro como um de seus poemas antológicos, “Edifício Líbano”, escrito em 2008, reconstrói um minarete que é também um dos torreões da história familiar da autora: o espaço desde onde o olhar se projeta para fora, para uma paisagem degradada que reflete, por um espelhamento íntimo, os escombros da vida que ocupou esse edifício quando ali moraram os avós e os pais de Leila, após deixarem para trás Charlottenburg, em Berlim, nos idos de 1935. Esse lugar de Copacabana, morada e miradouro, que em outros tempos sediou a Embaixada de Cuba, e que hoje abre suas janelas para a comunidade de Pavão-Pavãozinho, abriga os jardins do Oriente onde “não há pombas/ (...)/ mas gatos sobre



WILTON MONTENEGRO/DIVULGAÇÃO

Imagem e palavra. Leila Danziger, no espelho, e uma de suas obras: artista leva suas experiências nas artes visuais para poemas que vêm se cristalizando há 20 anos

carros/ e acenos discretos/ ao vencermos as pedras/ a caminho do elevador”.

Diferentes tempos e geografias em atrito dão a ver um mundo que se equilibra entre as coisas perdidas, que se salvam por não se deixarem aprisionar, e as coisas reencontradas, que legam à autora o compromisso de ser uma guardiã de afetos. Essa coexistência de tempos e a interlocução necessária com os objetos da memória, que rebuscam em despojos da cultura judaico-alemã uma Jerusalém perdida, aparecem continuamente no livro, a exemplo de “Dias temíveis” e “Hebraico”, dois comoventes poemas em que Leila rememora nas letras do alfabeto hebraico e em outros antigos papéis de arquivo a presença de seu pai. Vale mencionar que esta Jerusalém perdida é ainda uma Jerusalém reencontrada pela artista, que ali concluiu seu pós-doutorado em artes no ano de 2011.

A linguagem em seu poder de calar, ou ainda, de fazer falar os mortos, e o trabalho meticuloso de debulhar a matéria a partir de seus elementos testemunhais, hibridizando o poético e o biográfico, revelam o parentesco profundo do livro com a poesia de Paul Celan e a narrativa compósita de W. G. Sebald. A tarefa poética que aqui se coloca como responsabilidade e prece silenciosa, que torna a poeta “a membrana que os une/ — nome, crianças, vozes, areia”, vai se cumprindo à maneira daquelas “poderosas formas de vida/ que se reproduzem/ em úmida comunidade/ desde o Levítico”. É a partir dessa trama subterrânea, quase invisível, entre as ruínas da História, que se percebe a esperança sobre a qual tudo se edifica.

Seção à parte ao final do livro, “Tel Aviv” reúne seis poemas em que se constelam alguns dos mais caros motivos da transfiguração poética de

Leila. Ali onde o tempo é movimento e incompletude, está a felicidade. Tal como a menina palestina num véu cor-de-rosa que a artista filmou certa vez em frente ao mar de Tel Aviv, aparecem nesses poemas imagens que, em sua cristalina fragilidade, são indestrutíveis, insubordináveis, como um grupo de crianças escavando na areia e pássaros que atravessam a soleira da porta da varanda, atraídos pelos sons da língua hebraica. Preservando essa “felicidade entre as coisas mudas”, servindo-se da melancolia enquanto estratégia de resistência contra a velocidade alucinada dos tempos, “Três ensaios de fala” reafirma, na poesia, a mais refinada sutileza e densidade emotiva que há muito predominam na obra visual de Leila Danziger. ●

Mariana Ianelli é poeta e autora de “Almádena” e “Treva alvorada” (Illuminuras)